

"CALA-BOCA"

José Antônio de Ávila Sacramento

(Para JOSÉ AUGUSTO MOREIRA, "*in memoriam*").

O ato de nominar um lugar é ação que guarda em si relações culturais que muitas das vezes estão diretamente ligadas à ocupação, à posse, ao conhecimento do local ou a fatos que ocorreram na área nomeada. Assim, os nomes de lugares não designam apenas seres e/ou coisas; eles podem representar mais do que isto, expressando questões que vão além do que é pronunciado ou escrito. O repertório dos nomes de lugares apresenta um repositório muito rico e bastante sugestivo. Assim acontece com os hidrotopônimos (topônimos resultantes de acidentes hidrológicos) que apresentam ricos e variados, e muitos deles não tem explicação plausível registrada ou bem fundamentada. Então, descobrir a origem da nomeação dos cursos d'água que compõem a rica hidrografia da região do Campo das Vertentes de Minas Gerais, por exemplo, é um desafio, pois a este processo insere-se a sabedoria e o conhecimento de muitas gerações que quase sempre ficaram cristalizados na memória oral. "Cala-Boca", por exemplo, é o hidrotopônimo de um afluente do Ribeirão da Água Limpa.

Algum tempo antes de falecer, o meu amigo e duas vezes confrade José Augusto Moreira (20/12/1927 - 15/12/2013), ao me apresentar o pequeno museu de variedades que mantinha nos fundos de sua residência, também acabou me mostrando alguns vidros contendo amostras de matérias de vários rios, todas elas devidamente bem etiquetadas. Naquele momento, despretensiosamente, ao apanhar um recipiente que continha uma amostra d'água do Córrego Cala-Boca, ele indagou se eu saberia da origem daquele hidrotopônimo. Ante a minha negativa, ele afirmou que foi através da tradição oral de antigos moradores daquelas imediações e do Bairro Matosinhos que ficou sabendo que o nome "Cala-Boca" teria surgido por causa de um crime havido na época da escravidão, episódio que, para este escriba, se apresentou com o melhor estilo das personagens da lenda "O Segredo", do livro "Contam que...", do escritor Lincoln de Souza.

Moreira prosseguiu: numa fazenda, vivia a família de um "coronel" que possuía vários escravos; dentre os cativos, existia uma escrava nova, muito bonita e que era a obsessão dele e que, de tão formosa, despertava-lhe os instintos mais primitivos. Como de fato, dizia-se que era nos carinhos daquela negra que ele se refugiava furtivamente, a despeito da desconfiança e vigilância da sua "sinhá". Certa ocasião, uma velha escrava alcoviteira que não

morria de amores pela negrinha acabou contando sobre o romance para a esposa do coronel; falou até mesmo da pretensão de a escrava ser alforriada pelo patrão dela, tudo assim mais ou menos como se sucedera com paixão da negra Chica da Silva, do Arraial do Tijuco, e João Fernandes de Oliveira, o português contratador de diamantes.

Então, tomada por imensa raiva e pelo mais enraizado ciúme, a "sinhá" sentenciou: "um dia essa negrinha vai me pagar muito caro!". O tempo foi passando... Num dia em que o coronel saiu para uma pequena viagem de negócios, ela convocou o feitor e ordenou-lhe que levasse imediatamente a escrava para um local ermo e que, depois de seviciá-la a seu modo, também desse cabo da vida dela. Depois de o "serviço" ter sido executado e o corpo da vítima ter sido escondido perto de uma cascalheira, à beira d'uma cachoeira, a sinhazinha sentiu-se vingada e teria ordenado para o feitor: "cale a sua boca"!

Quando o coronel retornou de suas andanças mercantis, chegou na fazenda, apeou do cavalo, e, decerto, já estava imaginando que mais tarde cairia nos braços da sua escrava predileta. Como de fato, à noitinha, procurou por ela, e, como não a encontrava, sentiu um certo desespero; na manhã seguinte, colocou capatazes e vários escravos de sua confiança à procura dela. Algum tempo depois, já na tarde seguinte, um corpo que decerto teria sido enterrado às pressas numa espécie de cova rasa foi encontrado e identificado como sendo da dita escrava. Então, querendo justificar os envolvidos naquela sórdida trama, começou a exigir explicações dos seus serviçais para que contassem como se dera aquela crueldade. Não tardou para que a escrava alcoviteira e o tal feitor fossem delatados, acabando, depois, ele mesmo, o capataz, por confessar os detalhes da trama criminosa, justificando-se que o crime fora encomendado e cometido sob as ordens da sua "sinhá", e que, depois de executar o serviço, ela ordenara para que ele "calasse a boca", sob pena de mandar matá-lo.

Dizem que o tal coronel, depois de ter aplicado uma tremenda coça na sua sinhá, devolveu-a para a casa paterna com o lombo retalhado a chicote, mandando-a de volta por sobre um cavalo apenas com as roupas do corpo e sob os gritos de "vai-te, e conta para os seus pais o que aconteceu aqui, e não voltes mais, nunca mais!". A escrava alcoviteira, ele mandou açoitá-la no tronco até a morte. O feitor, antes que também fosse justificado, deu o seu jeito e acabou fugindo para um quilombo da região.

Então, como relatado pelo notável Moreira, foi em face das ordens recebidas e do trágico sacrifício da escrava, especialmente em face do pedido de silêncio sobre a morte dela, que a partir daquela época o córrego e a cachoeira que

corta e fica na BR 265, Km 58, bem perto da cidade de São João del-Rei - MG, ficaram conhecidos pelo nome de "CALA-BOCA"!

Como sabemos, na tradição oral pode acontecer a mistura de fatos reais com imaginários, ou seja, misturam-se história e fantasias. Mas, àquela época, numa sociedade eminentemente rural como era a nossa, a oralidade foi a forma predominante de transmissão do conhecimento e de certas histórias que, sendo contadas ao longo do tempo, de pais para filhos, fatos que, por sua vez, foram sendo modificados através da imaginação do povo. Tenho certeza de que o confrade Moreira sabia (assim como eu também sei) que esta pode ser (ou até mesmo é) uma narrativa fantasiosa, matéria viva no âmbito dos estudos e das pesquisas da folkcomunicação.

Há bastante fascínio nas histórias populares: sabemos que além de simplórios, quase sempre os fatos são bem narrados e estão perfeitamente inseridos nos contextos históricos das suas épocas, especialmente naquelas quadras de antanho em que o imaginário popular, a todo custo, tentava explicar os acontecimentos havidos neste grande teatro divino e identificar quais os papéis desempenhados pelos seus diversos atores e atrizes.



Antigo registro d'uma família junto da Cachoeira do Cala-Boca
(Foto s.a. e s.d., reprodução do acervo de José Augusto Moreira, *in memoriam*).

NOTA: texto publicado originalmente no *Jornal de Minas* (São João del-Rei - MG, ano XV, edição nº 258, de 25/09 a 01/10/2015, pág. 2), periódico editado por Neudon Bosco Barbosa.